

JOSÉ MARTÍ: SUA PRÁXIS PELO DIREITO DA AMÉRICA LATINA SER LIVRE

Resultado de investigação finalizada
GT 17: Pensamento latino-americano e teoria social
Jair Reck

Resumo

Evidenciamos a práxis libertadora de um educador. Entendemos ser necessário uma refundamentação histórica, um retorno aos momentos, idéias e princípios que inclusive cunham este sentido latinoamericano. Defendida por Martí a autonomia, a especificidade de nossa América que ele chama de mestiça. Fundador de um novo pensamento social que unia a vontade de emancipação com a busca de justiça social. Compreendemos através da pesquisa, que a obra de um educador social possui um alcance maior, com repercussão no seu momento histórico, porém, projeta-se para o futuro. Tal transcendência é tão verdadeira que o encontramos no alicerce da história contemporânea de Cuba e seus ensinamentos sendo redescobertos e vivenciados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST brasileiro.

Palavras chaves: práxis política, educador libertador, libertação latinoamericana.

INTRODUÇÃO

Este artigo evidencia a práxis libertadora de um educador social que é um exemplo, onde a política é exercida na sua grandeza maior. Entendemos não ser possível uma verdadeira libertação Latino Americana, se não haver uma refundamentação histórica, sem um retorno aos momentos, idéias e princípios que inclusive cunham este sentido latinoamericano. Defendida por Martí a autonomia, a especificidade de nossa América que ele chama de mestiça.

Apresentamos estas dimensões nos tópicos denominados: José Martí: a alma da revolução independentista e o dever de Cuba com a América Latina; Martí, educador de massa e organizador de Movimento Social; Martí e a organização do Partido Revolucionário Cubano.

Compreendemos através da pesquisa, que a obra de um educador social possui um alcance maior, com repercussão no seu momento histórico, porém, projeta-se para o futuro. Tal transcendência é tão verdadeira que o encontramos no alicerce da história contemporânea de Cuba e seus ensinamentos sendo redescobertos e vivenciados pelo Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST brasileiro.

1- JOSÉ MARTÍ: A ALMA DA REVOLUÇÃO INDEPENDENTISTA E O DEVER DE CUBA COM A AMÉRICA LATINA

Consideramos não ser possível tomar fragmentariamente sua ação, senão que procurar vê-la em sua totalidade. Percebemos que a tarefa da vida de Martí foi rechaçar na teoria e na prática:

(...) el pretexto de que la civilización, que es el nombre vulgar con que corre el estado actual del hombre europeo, tiene derecho natural de apoderarse de la tierra ajena perteneciente a la barbarie, que es el nombre que los que desean la tierra ajena dan al estado actual de todo hombre que no es de Europa o de la América europea: como si cabeza por cabeza, y corazón por corazón, valiera más un estrujador de irlandeses o un cañoneador de cipayos, que uno de esos prudentes, amorosos y desinteresados árabes que sin escarmentar por la derrota

o amilanarse ante el número, defienden la tierra patria, con la esperanza en Alá, en cada mano una lanza y una pistola entre los dientes (Martí, 1884, T. 8: 442).

Importante destacar que Martí assinalou a unidade das questões humanas “que no es de Europa la de la América Europea” – clara alusão aos Estados Unidos. Viu com toda clareza a dominação implícita na falsa dicotomia em uso no seu tempo: civilização e barbárie; ao que ele dirá que “no hay batalla entre la civilización y la barbarie, sino entre la falsa erudición y la naturaleza” (Martí, 1891, T. 6: 17).

O ideal, ou a missão assumida por Martí foi de imediato, tornar independente Cuba e Porto Rico das mãos espanholas. Escreveu que estes conquistariam a liberdade com uma composição muito diferente e em uma época muito distinta, e com responsabilidades muito maiores que os demais povos hispano-americanos. *Es un mundo lo que estamos equilibrando: no son sólo dos islas las que vamos a libertar.* (Martí, 1894, T.III: 358). Como uma referência à sua ação política, vale observar ao pé da letra o que ele confessou na véspera da sua morte a seu amigo Manuel Mercado: “cuanto hice hasta hoy, y haré, es para eso (...) impedir a tiempo con la independencia de Cuba que se extiendan por las Antillas los Estados Unidos (...)”.

Porém, de acordo com Retamar (1995), tal como temia Martí, Cuba serviu de ponte para a expansão dos Estados Unidos quando, com a intervenção norte-americana na guerra hispanocubana em 1898, inaugurou-se um novo período na história. Sobre as terras cubanas se abriu a aventura do imperialismo moderno. Algo que de fato vamos sentir na própria carne os malefícios, que vitimam-nos ainda desde o século XX, e continua ainda neste início de século XXI, onde através do seu poderio econômico e bélico, a serviço da sua política impositiva.(infelizmente os exemplos são cada vez mais vastos: Afeganistão, Iraque, e mais amplamente pelo Oriente Médio, Venezuela... e todas suas bases bélicas espalhadas por todos os continentes).

As batalhas de libertação nacional, como a que Martí preparou, com objetivo de enfatizar o genuíno, o autóctone frente às sagacidades colonialistas e imperialistas, demonstram de fato que o mais genuíno e próximo para Martí era Cuba, porém, mais amplamente ele asseverou seu intento para o continente americano “nuestra América mestiza”. Esta idéia, adquiriu máxima claridade em seu texto fundamental, o trabalho que Martí chamou explicitamente *Nuestra América*, de 1891. Ali está a afirmação profunda da originalidade das suas terras. Esta atitude, de acordo com Retamar (1995), é de capital importância, por constituir o maior sustento histórico do Ideário Martiniano: sendo a partir desta afirmação, desta confiança, deste desafio, que se articula o restante do seu pensamento.

La universidad europea ha de ceder a la universidad americana. La historia de América, de los incas a acá, ha de enseñarse al dedillo, aunque no se enseñe la de los arcontes de Grecia. Nuestra Grecia es preferible a la Grecia que no es nuestra. Nos es más necesaria... Injértese en nuestras repúblicas el mundo; pero el tronco ha de ser el de nuestras repúblicas. Y calle el pedante vencido; que no hay patria en que pueda tener el hombre más orgullo que en nuestras dolorosas repúblicas americanas (Martí, 1891, T. II: 483).

Antes de tudo, foi defendida por Martí a autonomia, a especificidade de nossa América que ele chama de mestiça, onde estavam mesclado descendentes de europeus, índios e africanos. Os índios possuem, para Martí, uma enorme importância, como donos da terra e por serem humanos, que já haviam segundo ele, sido capaz de construir culturas originais, inteiramente próprias, que não foram alimentadas senão que destruídas, sufocadas pelos europeus. O que se viesse a fazer, deveria contar com o curso próprio, não podendo ser a grotesca caricatura do modelo capitalista imposto aos países do continente, “con casaca de Paris y pies descalzo”.

2- MARTÍ, EDUCADOR DE MASSA E ORGANIZADOR DE MOVIMENTO SOCIAL

José Martí demonstrou ser, um homem político. Um grande exemplo, quando da organização e união das forças que tornarão possível a luta pela independência da sua pátria. Em sua peregrinação constante e em seu contato direto, pessoal, convenceu e atraiu os homens que haviam lutado em 1868 na Guerra dos Dez Anos, os generais carregados de prestígio e autoridade, ao asseverar que:

La guerra, en un país que se mantuvo diez años en ella, y ve vivos y fieles a sus héroes, es la consecuencia inevitable de la negación continua, disimulada o descarada, de las condiciones necesarias para la felicidad a un pueblo que se resiste a corromperse y desordenarse en la miseria... Ni la guerra asusta sino a las almas mediocres, incapaces de preferir la dignidad peligrosa a la vida inútil (Martí, 1892, T. III: 65).

Percebe-se um grande sentido do dever revolucionário que o impulsionou a marchar na vanguarda da ação. Entregou-se generosamente à causa sem se preocupar simplesmente com suas próprias necessidades, sacrificando tudo: honras, riquezas, família, descanso, saúde. Resistiu às mais duras provas morais das quais saiu fortalecido em sua dignidade, e afirmou que:

La guerra es, allá en el fondo de los corazones, allá en las horas en que la vida pesa menos que la ignominia en que se arrastra, la forma más bella y respetable del sacrificio humano. Unos hombres piensan en sí más que en sus semejantes, y aborrecen los procedimientos de justicia de que les puedan venir incomodidades o riesgos. Otros hombres aman a sus semejantes más que a sí propios, a sus hijos más que la misma vida, al bien seguro de la libertad más que al bien siempre dudoso de una tiranía incorregible, y se exponen a la muerte por dar vida a la patria (Martí, 1892, T. III: 66).

Claramente, os discursos de Martí, através destes periódicos, estavam dirigidos a orientar um povo que estava no exílio. Sua tarefa foi anunciar a causa da libertação, prever e educar. Seu objetivo, mais do que o de convencer, foi o de congregar, identificar e motivar a comunidade humana da emigração, para qual ele publicou também *Nuestras Ideas*, onde disse que:

La guerra se prepara en el extranjero para la redención y beneficio de todos los cubanos... El patriotismo es un deber santo, cuando se lucha por poner la patria en condición de que vivan en ella más felices los hombres... Nace este periódico, a la hora del peligro, para velar por la libertad, para contribuir a que sus fuerzas sean invencibles por la unión, y para evitar que el enemigo nos vuelva a vencer por nuestro desorden (Martí, 1892, T.III: 68).

Quiçá a forma que Martí usava para integrar os cubanos e latino-americanos, com seus discursos, mensagens que faziam com que as pessoas saíssem dos seus mundos individuais, para abraçarem uma causa comum, sirva como um exemplo para os movimentos sociais do nosso Brasil, América Latina e todos os povos neocolonizados, que hoje vivem subjugados pelo capital internacional e nacional, que possamos nos mirar nesta pequena nação, de fisionomia própria, que às custas de lutas extraordinárias, conseguiu unir ao abolicionismo, a independência e o ideal de Libertação Nacional.

3- MARTÍ E A ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO REVOLUCIONÁRIO CUBANO

Em 1891, as condições internas de Cuba anunciavam a proximidade de uma nova guerra; a que Martí classificava como necessária, então, dedicando-se exclusivamente à tarefa revolucionária.

Identificamos uma agudez e profunda compreensão que Martí possuía dos problemas reais de seu país; para tal, conclamava a união de todas as forças vivas a lutarem para o bem de todos. Em cinco

de janeiro de 1892 foram aprovadas, em Cayo Hueso, pelos representantes da emigração cubana local, de Tampa e de Nova Iorque, *Las Bases del Partido Revolucionario Cubano*. Vejamos os propósitos concretos deste Partido:

Unir en un esfuerzo continuo y común la acción de todos los cubanos residentes en el extranjero... Fomentar relaciones sinceras entre los factores históricos y políticos de dentro y fuera de la Isla que puedan contribuir al triunfo rápido de la guerra y a la mayor fuerza y eficacia de las instituciones que después de ella se funden, y deben ir en germen en ella.

Propagar en Cuba el conocimiento del espíritu y los métodos de la Revolución y congregar a los habitantes de la Isla en un ánimo favorable a su victoria, por medios que no pongan innecesariamente en riesgo las vidas cubanas.

Allegar fondos de acción para la realización de su programa, a la vez que abrir recursos continuos y numerosos para la guerra.

Establecer discretamente con los pueblos amigos relaciones que tiendan a acelerar, con la menor sangre y sacrificios posibles, el éxito de la guerra y la fundación de la nueva República indispensable al equilibrio americano.

El Partido Revolucionario Cubano se regirá conforme a los estatutos secretos que acuerden las organizaciones que lo fundan (Martí, 1892, T. 1: 279-280).

Dando continuidade a esta missão, Martí voltou à Nova Iorque, onde prosseguiu a organização do Partido cuja proclamação se daria em dez de abril. Martí foi eleito delegado do Partido, sendo reeleito até sua morte.

Para tornar o Partido um porta-voz solícito, Martí fundou o jornal *Patria*, para divulgar as idéias do partido. Já no primeiro número estavam publicadas as bases do Partido e um artigo programático da revolução, denominado *Nuestras Ideas*.

Em 11 de abril, abandonaram as terras haitianas, rumo a Cuba. Adentraram as montanhas na zona do litoral chamada Playitas, ao sul do Oriente; e estabeleceram contatos com os insurretos. Em 15 de abril, Martí foi nomeado General Maior; e em suas cartas, em seu diário, a alegria o inundava. É o que mostra a Carta de 16 de abril de 1895:

Llegué al fin a mi plena naturaleza... Sólo la luz es comparable a mi felicidad... Hasta hoy no me he sentido hombre. He vivido avergonzado y arrastrando la cadena de mí patria, toda mi vida. La divina claridad del alma aligera mi cuerpo; este reposo y bienestar explican la constancia y el júbilo con que los hombres se ofrecen en sacrificio (Martí, 1895, T. 4: 124-130).

Vê-se que Martí foi um homem de práxis que não afastou, mas que preparou e desencadeou a guerra necessária. Lutou para fazer nas suas circunstâncias o mais radical que o processo histórico lhe demandava.

Martí, fundador do Partido Revolucionário Cubano, escreveu a Manuel Mercado, em 18 de maio de 1895, um dia antes de tombar no combate de Dos Rios, dizendo que arriscava a vida pelo seu país e pelo dever de impedir que os Estados Unidos estendessem seu domínio às Antilhas, bem como “la anexión de los pueblos de nuestra América al Norte revuelto y brutal que los desprecia” (Martí, 1895, T. 20: 161-164). Ele, como já dissemos, viveu 15 anos em Nova Iorque, de onde organizara a luta armada pela independência de Cuba, pode dizer: “vivi en el monstruo y le conosco las entrañas: - y mi honda es la de David”.

É significativo lembrarmos a posição defendida por Martí desde 1891, quando da conferência Monetária Internacional, sua denúncia implacável das teses que os EUA procuravam desde aquele momento impor sua total dominação por toda América Latina, desejando impor uma moeda única e impedir os negócios que eram favoráveis aos governos de nosso continente com seus parceiros

européus. De fato, percebe-se hoje nas propostas da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), mais uma vez a reprise histórica da tentativa neocolonial capitaneada pelos Estados Unidos.

Ni en los arreglos de la moneda, que es el instrumento del comercio, puede un pueblo sano prescindir- por acatamiento a un país que no le ayudó nunca, o lo ayuda por emulación y miedo de otro, de las naciones que le anticipan el caudal necesario para sus empresas, que le obligan el cariño con su fe, que lo esperan en las crisis y le dan modo para salir de ellas, que lo tratan a la par, sin en arrogante, y le compran sus frutos (Martí, 1891, T. 6:161).

Por isso, compreendemos que mais do que nunca a luta desencadeada por Martí contra o imperialismo norte americano adquire uma nova e premente atualidade. De modo que devemos sim buscar sempre uma integração latino-americana e caribenha como sonhava Martí, não permanecendo apenas num Mercosul econômico, mas construindo uma integração em todas as dimensões da socio-biodiversidade, respeitando de modo explícito o pluralismo étnico-cultural, dando autêntica vigência aos povos indígenas e ao povo afroamericano.

Martí sentenciará no periódico *Patria*, em 3 de abril de 1892: *o que um grupo ambiciona, cai. O que um povo quer, perdura*. E conclui: *El Partido Revolucionario Cubano, es el pueblo cubano*.

4- A PRESENÇA DO IDEÁRIO MARTIANO NO ALICERCE DA ATUAL REVOLUÇÃO CUBANA E NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES SEM TERRA - MST BRASILEIRO

4.1- DE MARTÍ A FIDEL: O ATAQUE AO QUARTEL MONCADA EM 26 DE JULHO DE 1953

O filósofo alemão Goethe (*apud* Recio, 1997) sentenciou que o homem só pode influenciar a humanidade através da sua verdadeira personalidade. Acredita-se que a trajetória de vida de Martí, em seus 42 anos de existência, confirma a estreita relação entre o seu modo de ser e atuar, e tivemos a condição de perceber através dos seus escritos, a influência que exerceu em seus contemporâneos, no momento de sua vida, e, nas gerações futuras, é tarefa que se propõe demonstrar este capítulo, tomando como exemplo maior Fidel Castro.

O Ideário Martiniano conserva profunda virtualidade revolucionária, a ele tem se remetido Fidel Castro como inspirador do ataque ao quartel Moncada, em 26 de julho de 1953. Ataque esse que foi alicerçado, articulado de acordo com Bandeira Muniz (1998), pelo Partido del Pueblo Cubano, autodenominado ortodoxo, por se considerar verdadeiramente revolucionário, fiel representante e intérprete dos ideais de Martí.

Neste contexto, o advogado Fidel Castro veio a organizar e promover o assalto ao quartel Moncada em 26 de julho de 1953, para a tomada do poder, com o objetivo de por fim aos desmandos do governo que subjugava a maior parte da população à miséria absoluta, tudo para servir aos interesses dos ianques (EUA) e da burguesia local. Poder discriminador exercido por Fulgêncio Batista após o golpe de Estado de 10 de março de 1952.

Fidel, não alcançando o objetivo da tomada do poder naquele momento, teve a maior parte de seus combatentes mortos durante o ataque ao quartel Moncada, ou assassinados posteriormente. Castro também foi preso e encarcerado, sofrendo toda sorte de privações e ameaças.

Foi diante de tantas usurpações de seus direitos que Fidel assumiu sua própria defesa, usando da sua condição de advogado, denunciando porém não haverem deixado entrar em sua sela, nenhum tratado de direito penal, e mais:

Proibiu-se que chegassem às minhas mãos livros de Martí. Parece que a censura da prisão os considerou demasiadamente subversivos. Ou será porque eu disse que Martí era o autor intelectual do 26 de julho?

(...) Não importa, em absoluto! Trago no coração as doutrinas do Mestre, e, no pensamento, as nobres idéias de todos os homens que defenderam a liberdade dos povos (Castro, 1993: 12-13).

Isto deixa entrever com clareza a influência do ideário Martiniano, sua vigência nos atuais líderes da Revolução Cubana. Fidel continuou expondo sua defesa a partir dos motivos que animou seu grupo a assumirem esta luta armada, exortando: ser inconcebível a existência de homens que se deitassem com fome, enquanto houvesse uma polegada de terra sem ser cultivada; que crianças morressem sem assistência médica, que trinta por cento da população não soubessem assinar, e noventa e nove por cento não conhecessem a história de Cuba. Diria ainda Fidel, que responderia como Martí aos que lhes chamassem por isto de sonhador:

O verdadeiro homem não olha de que lado se vive melhor, mas de que lado está o dever; e este é o único homem conseqüente, cujo sonho de hoje será a lei de amanhã, porque quem olhou, nas entranhas do universo, e viu os povos ardentes e cheios de sangue na artesa dos séculos, sabe que o futuro, sem uma só exceção, está do lado do dever (Castro, 1993: 38).

Vê-se refletida nestas menções a profundidade com que estão entranhados os princípios, os valores vividos e proclamados por Martí. Fazendo parte de fato do *ethos* cultural do povo cubano. Evidencia-se isso mais uma vez nas palavras de Fidel, quase ao final de sua autodefesa, ao lembrar aos juízes que recebeu ensinamentos em sua formação embasados no pensamento do Apóstolo, como é denominado Martí, por muitos dos seus seguidores, acerca da educação dos cidadãos na pátria livre, inscritos em seus textos de *A Idade de Ouro*, e que lembram que:

Um homem, que se conforma em obedecer a leis injustas e que permite que o país em que nasceu seja tomado por homens que maltratam, não é um homem honrado... No mundo, é necessário certa quantidade de luz. Quando há muitos homens indecorosos, há sempre outros que possuem o decoro de muitos. Estes são os que se rebelam com uma força terrível contra os que roubam ao povo sua liberdade, o que representa roubar o seu decoro.

Estes homens encarnam milhares de homens, um povo inteiro, a dignidade humana (...) (Castro, 1993: 73).

Castro, ainda no final de sua defesa, deixou claro que naquele momento estavam sendo assassinados e encarcerados homens por praticarem idéias aprendidas desde o berço, e claramente advindas do manancial Martiano, ao que ele sentenciou:

Era tanta a afronta, que parecia que o Apóstolo iria morrer no ano de seu centenário, que sua memória seria apagada para sempre! Mas vive não morreu, seu povo é rebelde, seu povo é digno, seu povo é fiel à sua memória; cubanos caíram defendendo sua doutrina houve jovens que, em magnífico desagravo, morreram junto ao seu túmulo, deram seu sangue e sua vida para que ele continue vivendo na alma da pátria. Cuba, que seria de ti, se houvesse deixado morrer a teu apóstolo! (Castro, 1993: 74).

Verifica-se assim a transcendência dos ideais Martianos, fixando-se como exemplo para os que se entregaram e ainda dedicam-se à causa da libertação de Cuba, ficando-nos claramente evidenciado nestas recorrências, onde o atual grande líder desta monumental Revolução, Fidel Castro, homem que lutou e luta bravamente para ver triunfar a pátria de Martí.

Aos 22 de dezembro de 1972, ao falar por ocasião do cinquentenário da hoje dissolvida União Soviética, o próprio Fidel Castro explicou:

José Martí, guía y Apóstol de nuestra guerra de independencia contra España, nos enseñó ese espíritu internacionalista que Marx, Engels y Lenin confirmaron en la conciencia de nuestro pueblo. Martí pensaba que ‘patria es humanidad’, y

nos trazó la imagen de una América Latina unida, frente la otra América imperialista y soberbia, ‘revuelta y brutal’ como él decía, que nos despreciaba (Retamar, 1985: 77).

Verificamos, assim, que o pensamento de Martí tem sido incorporado, assimilado à nova consciência contemporânea, muito do que disse ele na ordem da política, da educação, da arte, e no terreno cultural em geral, segue tendo impressionante vigência. Coerente com sua consciência afirmou que um princípio justo, mesmo no fundo de uma cova, é mais poderoso que um exército.

4.2- A PRESENÇA DO IDEÁRIO MARTINIANO NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA BRASILEIRO

O ideário Martiniano, guarda sua projeção para o futuro que nasce da memória como capacidade de imprimir consistência e continuidade às nossas vidas; mais que simples armazenagem, é ela estruturação e organicidade. Mais que guardar, prioriza e seleciona o que evoca, renegociando sua fidelidade com a tarefa de recriar mundos na dinâmica de uma mesma história.

É sob este olhar que a obra de um educador de massas, articulador de um movimento social, tem o seu valor de ensinamentos redescoberto pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). É nessa direção que a educação vai além dos muros escolares, transcendendo às massas, gerando consciência social, inserindo os sujeitos nas lutas econômicas e políticas do país, de forma que possam livrar-se das alienações e opressões. Esta educação que plasma a forma futura dos povos, transforma-os em artífices de sua história.

A relação do legado de Martí com o MST pode ser verificada através dos boletins e cadernos educativos produzidos pelo Movimento. Nas palavras da direção Nacional:

Nosso educador José Martí, já disse em sua publicação - A Idade de Ouro: Às nossas crianças temos que dar o melhor, porque elas são o que tem de mais puro, de mais belo e sincero, e são a esperança presente para plantarmos as sementes dos novos valores da nova sociedade que vamos construir. Tudo isso, é uma grande verdade, e cada dia fica mais claro que a educação é uma tarefa estratégica para alcançarmos nosso objetivo futuro (*Caderno de Educação*, 1997, n.º 07: 03).

Esta redescoberta dos valores defendidos por Martí, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, encontra-se na primeira página do *Boletim* n.º 7, que diz:

As coisas boas devem ser feitas sem chamar todo o mundo para ver. É bom por que é. E porque lá dentro de nós se sente um gosto quando se faz um bem, ou quando se diz algo de útil para os demais. Isso é melhor que ser príncipe: ser útil (1997:01).

No *Caderno de Educação* n.º 8, que trata dos princípios da educação no MST, os princípios educativos Martianos também se fazem presentes, nas seguintes formulações filosóficas e pedagógicas:

O cultivo do amor pelas causas do povo, e o sentido internacionalista das lutas sociais;

Educação para a transformação social:

Educação para o trabalho e a cooperação; voltada para as várias dimensões da pessoa humana, através de um processo permanente de formação/transformação da pessoa humana;

Conteúdos formativos socialmente úteis;

Educação para o trabalho e pelo trabalho;

Vínculo orgânico entre processos educativos-políticos-econômicos e culturais (*Caderno de Educação*, 1999, n.º 8: 09-10 e 24).

Acreditamos que o leitor não terá dificuldades de perceber analogias destes princípios filosóficos e pedagógicos propostos pelo MST, e os princípios e valores educacionais defendidos por Martí.

Na certa, o MST inspira-se nesta especial forma de construir o ser humano integral, ao enfatizar a amplitude do amor pelas pessoas; o amor pelo ato de educar; e pelas causas do povo. E ainda ao acreditar que aqueles que não amem a pátria não serão capazes de fazer revoluções encarnadas na história do seu povo. É o que se pode observar nos textos norteadores da política educacional do MST, presentes nos *Boletins* e *Cadernos de Educação*.

É mister, para tanto, que os educadores assumam seu compromisso social solidário com a educação de todo o povo, para aquela cidadania educacional que se inicia de acordo com Martí, com a vida e não termina senão com a morte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente, Martí constitui-se numa via de resgate e reafirmação de uma educação para a identidade nacional e regional, como ele próprio nos disse: nossa América mestiça; onde não se deve olhar se é preto, amarelo, branco, negro ou índio, homem ou mulher, quando diz-se ser humano, já estão postos todos os direitos. E assim, romper-se-á com a estreita visão de certos humanismos míopes e suas correspondentes literaturas, como nos diz Retamar (1995), em que segundo esta visão, o ser humano é em essência masculino, branco, burguês, ocidental, sendo o outro a exceção.

Muitos são os problemas a enfrentar na atualidade pela educação latino-americana, na qual se insere a brasileira. Um deles é o que se refere à educação para a identidade nacional, regional, face ao mundo contemporâneo de globalizações e neoliberalismos. Para os latino-americanos, é de vital importância a formação de novas gerações de pessoas críticas, trabalhadores (as) capacitados para a vida, porém, necessita-se, também, de personalidades amantes da história e das tradições patrióticas. Onde o primeiro, sem o segundo, não seria completo, pois:

El amor a la patria, hacia sus luchas y a su cultura es condición fundamental para que los hombres y mujeres sepan y estén dispuestos a actuar como sujetos responsables de su propia transformación y de la renovación social (Ciriano, 1995: 83).

A América Latina possui, na verdade, uma rica tradição pedagógica, formando parte da melhor prática e teoria pedagógica universal. O que ocorre, no entanto, é que nem sempre se conhece e valoriza-se em toda sua importância e transcendência. Por outro, não faltam pretensos sábios europeus, ou de outras regiões, que procuram negar a existência de uma cultura autenticamente latino-americana.

É mister, sob este aspecto, lembrar Martí, quando se refere a esta questão, dizendo que é importante a contribuição de todos os avanços culturais e científicos de outros povos e nações: “injértese en nuestras repúblicas el mundo, pero el tronco ha de ser el de nuestras repúblicas” (1961: 48).

Enquanto latino-americanos, o que também é significativo para a unidade e integração nesta parte do mundo. Aprendemos de Martí que: “Lo pasado es la raíz de lo presente. Ha de saberse lo que fue, porque lo que fue está en lo que es” (1889, T. 18: 502).

Possa esse exemplo do uso da educação vinculado ao ato educativo político – ou seja, teoria e prática social emancipadora, atuando como um verdadeiro articulador de movimento social – indicarnos um caminho, um horizonte de plena libertação de que tão necessitados estamos, de um projeto de unificação das massas excluídas do processo produtivo, da dignidade, de fazê-las ver seus direitos fundamentais garantidos por uma sociedade que possa colocar como valor maior o ser humano e não o lucro, a exploração. Que os bens culturais estejam a serviço dos seres humanos todos e não privilégios de alguns.

Como fez Martí: revoluções da revolução – esse desafio exige criatividade, unidade em torno dos princípios e da organização, atividade e participação generalizadas e crescentes. Esses movimentos seriam uma “gigantesca escola”, como nos diz Heredia (1990), através da qual o povo será capaz de dirigir os processos sociais; transformações estas que não se constroem espontaneamente, nem podem ser dadas.

Demonstramos também o vigor de um educador-político, articulador de um povo, sobre o qual a opressão não prosperou, permitindo-lhe extrair das vicissitudes e das perseguições à coragem permanente de trabalhar e, sem titubear, entregar a própria vida em prol da transformação social, por uma América Latina mais livre, para um mundo mais justo, mais humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATLAS HISTORICO BIOGRAFICO DE JOSE MARTÍ. La Havana: Centro de Estudios Marianos, 1983.
- CASTRO, F. *A história me absolverá*. Havana: Editora Política/José Martí, 1993.
- _____. *Uma revolução só pode ser filha da cultura e das idéias*. Embaixada de Cuba no Brasil: INVERTA, 1999.
- CIRIANO, H. I. El conocimiento de las tradiciones pedagógicas latinoamericanas: necesidad o espercimiento?. *Contexto & Educação*, 1995, ano 9, nº 39 jul/set. Ijuí: UNIJUÍ.
- FERNANDES, F. *A contestação necessária*. São Paulo: Ática. 1995.
- FERNANDÉZ, R. *Para el perfil definitivo del hombre*. La Habana: Editorial Letras Cubanas, 1995.
- GADOTI, M. *Pedagogia da práxis*. São Paulo: Cortez, 1995.
- GOMEZ, M. *Diario de Campaña, 1868-1899*. La Habana: Instituto Cubano del Libro, Edic. Centenario, 1998.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989a.
- _____. *Concepção dialética da história*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1989b.
- HEREDIA, F. M. *Questões atuais do Socialismo*. São Paulo: Cepis. Doc. Série Especial nº 05. 1990.
- HIDALGO, P. I. José Martí: Cronología. In: *José Martí. Obras Escogidas*. Tomo III, 1992, p. 636-637.
- MARTÍ, J. Patria, 14 de marzo (1892). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 1, p. 279 - 280.
- _____. Patria, 13 de septiembre (1892). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 2, p. 160-164.
- _____. Carta de 16 de abril (1895). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 4, p. 124-130.
- _____. La Oración De Tampa y Cayo Hueso (1892). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 4, p. 293-306.
- _____. Tampa (1891). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 4, p. 269-279.
- _____. El Colegio De Tomás Estrada Palma En Central Valeey (1892). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 5, p. 260-261.
- _____. La Conferencia Monetaria De Las Republicas De America (1891). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 6, p. 161
- _____. Educacion Científica (1883). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 8, p. 278.
- _____. Escuela De Mecanica/Electricidad (1883). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 8, p. 279-284.
- _____. Maestros Ambulantes (1884). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 8, p. 289.

- _____ Reforma Esencial En El Programa De Las Universidades Americanas (1884). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 8, p. 428-430.
- _____ Trabajo Manual En Las Escuelas (1884). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 8, p. 287.
- _____ Una Distribución De Diplomas En Un colegio De Los Estados Unidos (1884). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 8, p. 442.
- _____ Carta de Nueva York (1882). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 9, p. 277 - 278.
- _____ A Los Niños Que lean “La Edad De Oro” (1889). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 18, p. 301-303.
- _____ Abdala (1869). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 18, p. 19.
- _____ La Galería De Las Máquinas (1889). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 18, p. 500 – 501.
- _____ La Ultima Página (1889). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 18, p. 349-350.
- _____ Tres Héroes (1889). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 18, p. 304-308.
- _____ Cabo Haitiano (1895). IN: *Obras Completas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1991, T. 20, p. 216-220.
- _____ La Ilíada de Homero (1889). IN: *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992, T. II, p. 290.
- _____ Nuestra América (1891). IN: *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992, T. II, p. 483.
- _____ El Tercer Año Del Partido revolucionario Cubano (1894). IN: *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992, T. III, p. 358.
- _____ Nuestras Ideas (1892). IN: *Obras Escogidas*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1992, T. III, p. 65-68.
- _____ El Manifiesto De Montecristi (1895). IN: *Paginas Escogidas*. La Habana, Editorial de Ciencias Sociales, 1985, T. I, p.133.
- _____ La Nación, (14/11/1886). IN: *Ideário Pedagógico*. La Habana, Imprenta Nacional de Cuba, 1961, p. 11-15.
- _____ *Ideário pedagógico*. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961.
- MARTINEZ, F. Questões atuais do socialismo. *Doc. Série Especial*, nº 05: Editora Cepis, 1990.
- MINISTERIO DE EDUCACION. *Alfabetizamos*. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Educação infantil: construindo uma nova criança. *Caderno de Educação*, 1997, nº 7. São Paulo: MST.
- _____. Princípios da Educação no MST. *Caderno de Educação*. 1996, nº 8. São Paulo: MST.
- MUNIZ, B. A. L. *De Martí a Fidel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1998.
- PAVIANI, J. *Problemas de filosofia da educação*. Petrópolis: Vozes, 1988.
- PEDAGOGIA 97. *Encuentro Por La Unidad De Los Educadores Latinoamericanos* (Resúmenes). La Habana: Ministerio de Educación, Palacio de Convenciones, 3 al 7 febrero de 1997.
- QUESADA, G. *Martí Maestro de hombres*. La Habana, 1961.
- RECIO, B. *José Martí: educador social*. La Habana: Palacio de Convenciones, 1997.
- RECK, Jair. *Por uma Educação Libertadora: o ideário político-pedagógico do educador cubano José Martí*. Cuiabá: EdUFMT, 2005.
- RETAMAR, R. F. *Para el perfil definitivo del hombre*. La Habana: Letras Cubanas, 1995.
- SALOMON, N. *Centro de Estudios Martinianos*, La Habana: CEM, 1980.

TOLEDO, L. *Cesto de llamas; Biografía de José Martí*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1996.

VITIER, C. Los discursos de Martí. IN: *Anuario Martiano*, nº. 1, La Habana: Biblioteca Nacional, 1969.